



## GRUPO DE TRABALHO 1 - POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO NA PAN AMAZÔNIA

### PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL E A SINGULARIDADE DA FEIRA DO VER-O-PESO EM BELÉM-PARÁ

Sabrina Forte e Silva Gonçalves <sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

A década de 70 foi marcada pelo amadurecimento do debate brasileiro a respeito da cultura, cujas políticas de reconhecimento e institucionalização passaram a considerar a diversidade e a natureza imaterial do patrimônio cultural, e dessa maneira, propor uma releitura do patrimônio, a partir dos valores e práticas sociais, representativos de uma coletividade e, portanto, portadores de identidade e sentido de pertencimento. Ao mesmo tempo, as transformações ocorridas no setor político-cultural também significaram a perspectiva de crescimento econômico, sobretudo, nos setores turístico e imobiliário, atrelando as políticas patrimoniais à economia urbana (CORÁ, 2014).

Esse fenômeno é entendido por Costa (2015) de *patrimonialização global*, que a define como o movimento universal de ressignificação de lugares de memória, da cultura e da “natureza”, a partir de mecanismos político-econômicos hegemônicos ou sustentados pelo aparato Estado-mercado, em singularidades espetacularizadas para o consumo, na esteira da cultura de massa. Esse processo universalizante se particulariza por meio de políticas e diferentes concepções de planejamento urbano, fragmentando as cidades em paisagens e lugares reconfigurados pela estetização, intensificando a segregação socio-espacial e o agravamento das disputas pelo uso e apropriação do território.

Por se constituir como um dos elementos do espaço urbano, a feira livre deve ser interpretada no contexto desses fenômenos contemporâneos, por historicamente representar um lugar de manifestação da cultura viva e, portanto, passível de ser patrimonializada.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia – Programa de Pós-graduação em Geografia/Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora de Geografia - Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA. E-mail: sabrifortesg@gmail.com.

A feira representa um dos espaços da economia urbana, o qual garante a sobrevivência material das camadas sociais mais pobres e, ao mesmo tempo, lugar de resistência da tradição, do cotidiano e dos costumes da cultura popular (CANCLINI, 1987; GUIMARÃES, 2010), culminando em um território urbano complexo, carregado de contradições e intencionalidades, sentidos e resistências. A inserção das feiras livres em novas formas de consumo na/da cidade se dá pela política de patrimonialização desses espaços como lugares de memória e referência cultural, a exemplo das feiras de Campina Grande (PB) e Caruaru (PE), registradas como lugares de criação, expressão, sociabilidade e identidade cultural (IPHAN, 2020).

Quando incorporada ao processo da patrimonialização e do turismo, o território da feira livre passa a constituir novos usos, agentes e interesses estabelecendo relações de poder entre as territorialidades populares e as territorialidades do mercado de consumo, que revelam tensões e conflitos entre os agentes produtores do espaço, que ora podem resultar na preservação e na resistência da identidade territorial, ora podem resultar em riscos e perdas na manutenção desse patrimônio.

Essa discussão faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Pará – UFPA. A pesquisa proposta traz como objeto de análise, a Feira do Ver-o-Peso, a mais antiga da cidade de Belém do Pará, como *patrimônio-territorial* ativado popularmente. Ou seja, pretende compreender a feira como um território que resguarda o patrimônio popular, representado pelas práticas socioculturais e memoriais, saberes e fazeres ancestrais, mantido por sujeitos historicamente subalternizados ao longo da formação territorial latinoamericana (COSTA, 2016, 2017); e investigar quais riscos o patrimônio-territorial da Feira do Ver-o-Peso enfrenta, frente ao processo da patrimonialização global.

Em suma, essa pesquisa objetiva identificar e analisar quais elementos e práticas da cultura amazônica, dão notoriedade a Feira do Ver-o-Peso, em Belém do Pará, como patrimônio-territorial ativado popularmente a enfrentar riscos diante do processo da patrimonialização global.

## METODOLOGIA

A abordagem geográfica conferida à pesquisa, será norteada pelo método materialista histórico-dialético. Desse modo, a investigação proposta partirá do conceito dialético de espaço, para compreender as relações contraditórias de produção e apropriação do espaço patrimonializado, caracterizado pelas rugosidades espaciais (SANTOS, 1996) que constituem o patrimônio cultural do Centro Histórico de Belém.

Com base no conceito de *utopismo patrimônio-territorial* (COSTA, 2016), a pesquisa fará uma leitura crítica sobre a produção do espaço urbano de Belém, com recorte na Feira do Ver-o-Peso, numa dimensão interescalar do movimento universal – particular – singular (SANTOS, 1996) da patrimonialização global. A pesquisa será realizada, na perspectiva de denunciar políticas urbanísticas e patrimoniais elitistas e segregacionistas; e ao mesmo tempo, evidenciar e enaltecer a resistência de territórios que representam grupos sociais historicamente subalternizados pelo modo de produção vigente.

#### A SINGULARIDADE DA FEIRA DO VER-O-PESO FRENTE À PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL, NA ÁREA CENTRAL DE BELÉM DO PARÁ.

A Feira do Ver-o-Peso faz parte de um complexo formado por duas feiras, dois mercados, duas praças e uma doca de embarcações, sendo considerada a maior feira livre da América Latina (LIMA, 2008). Conforme figura 01, a Feira está inserida em duas áreas patrimonializadas, como: o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso, tombado em 1977 pelo IPHAN; e o Centro Histórico de Belém, criado pela Lei Orgânica do município de Belém, em 1994; além de coincidir com mais duas áreas patrimonializadas, como o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico Frei Caetano Brandão, tombado em 1964, pelo IPHAN; e o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Porto de Belém, tombado por Lei estadual, em 2000 (IPHAN, 2020).

Os espaços descritos acima fazem parte da área central de Belém, que desde a década de 80, passa por importantes intervenções urbanísticas, visando sua valorização e exploração, sobretudo, pelo turismo e aos interesses de entretenimento e lazer da elite local. Desde então, a implantação de vários projetos urbanísticos provocou a *gentrificação do consumo cultural* da área central de Belém (TRINDADE, 2018), a exemplo de projetos como o Complexo Feliz Lusitânia (1998), Estação das Docas (2000), Parque Naturalístico Mangal das Garças (2005); além de outros empreendimentos públicos e privados (CASTRO e TAVARES, 2016), construídos na área do entorno da Feira do Ver-o-Peso (figura 01).

Por outro lado, A Feira do Ver-o-Peso se originou e permanece como território de sujeitos e usos heterogêneos, agregando elementos da biodiversidade amazônica, fazeres e saberes ancestrais, mantido principalmente pela dinâmica social, cultural e comercial da população ribeirinha residente nas áreas insulares de Belém, portanto, com modos de vida singulares; e da população dos bairros periféricos da cidade. Com a interação secular de práticas e valores; e a troca de saberes e usos entre as tradições populares urbana, rural e ribeirinha, a Feira do Ver-o-Peso resiste como expressão territorial ativa de grupos sociais historicamente

subalternizados pela colonialidade do poder, frente aos processos universalizantes do espaço urbano (CASTRO e TAVARES, 2016; COSTA, 2016).

Segundo os primeiros levantamentos de campo, anterior ao período da pandemia da COVID-19, o complexo do Ver-o-Peso movimentava diariamente, aproximadamente cinco mil trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria, oriundos das periferias da cidade e áreas rurais do entorno. A feira dinamiza uma ampla rede de produtos originários amazônicos, organizados em vinte e três setores, articulando centro e periferia, o urbano e o rural do município de Belém e região do entorno.

Figura 01: A Feira do Ver-o-Peso e os espaços patrimonializados no Centro Histórico de Belém – Pará.



Fonte: Fonte: IBGE, 2010; LIMA, 2008; CARDOSO et al, 2016; ALMEIDA 2017; Lei nº 7.401/1988.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os elementos e práticas culturais populares situados na Feira do Ver-o-Peso constituem a ancestralidade originária dos povos nativos da região amazônica e representam a diversidade étnica originária da hibridização cultural ao longo da formação territorial dessa região. São representados pelas singularidades do artesanato, especificamente de cerâmica e miriti; das ervas e remédios medicinais; da gastronomia e especiarias típicas como: a maniva e o tucupi; e os elementos e práticas afrodescendentes, como as lojas e rituais.

Esses elementos e práticas singularizam o patrimônio-territorial da Feira do Ver-o-Peso e correm riscos de resignificação (quanto as suas formas peculiares de uso e saber/fazer) e mesmo, de serem objetos de conflitos sociais, em função das relações contraditórias de uso e apropriação da feira (e seus bens e práticas tradicionais), que inclusive sustentam a permanência da feira no centro da cidade de Belém, há quase quatrocentos anos.

Nesse sentido, a pesquisa em andamento vem investigando os riscos, mas também as potencialidades que mantêm esse patrimônio vivo, com o intuito de subsidiar a reflexão e elaboração de políticas públicas e/ou ações que promovam a preservação, a partir dos e (para) os sujeitos; e assim, mitigar os possíveis efeitos nocivos da urbanização e da patrimonialização sobre a feira do Ver-o-Peso.

#### REFERENCIAS

CANCLINI, N. Ni folklórico ni massivo? Qué es lo popular. **Revista Diálogos de la comunicación**, v. 17, p. 6-11, 1987. [www.infoamerica.org](http://www.infoamerica.org). Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

CASTRO, C. A. T. e TAVARES, M. G. C. Processos de turistificação do espaço do patrimônio cultural: um estudo no centro histórico de Belém-pa. Turismo: **Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 5, n. 1, jan./jun. 2016.

CORÁ, M. A. J. Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais. **Rev. Adm. Pública** — Rio de Janeiro 48(5):1093-1112, set./out. 2014.

COSTA, E. B. **Cidades da patrimonialização global**. São Paulo: Humanitas-USP, 2015.

COSTA, E. B. Utopismo Patrimoniais pela América Latina, resistências à Colonialidade do Poder. **XIV Colóquio Internacional de Geocrítica Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro**. Barcelona, 2-7 de mayo de 2016.

COSTA, E. B. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. Cuad. Geogr. **Rev. Colomb. Geogr.** [online]. 2017, vol.26, n.2, pp.53-75.

GUIMARÃES, C. A. A feira livre na celebração da cultura popular. Gestão cultural e organização de eventos, CELACC – USP, São Paulo, 2010.

LIMA, M. D. Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFPA, 2008, 172p.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

TRINDADE JÚNIOR S. C. C. Um “skyline” em mutação: o velho centro e as transformações urbanas em Belém. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21 n. 1, p. 57-78, jan-abr, 2018.

IPHAN. Lista de Bens Tombados e Processos em Andamento (1938 - 2016). Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 13 de março de 2020.

*Palavras-chave:* patrimônio-territorial, feira livre, identidade territorial, urbanização contemporânea.